
CONSELHO EDITORIAL

Prof. Dr. Aluísio Otávio Vargas Avila - CEFD/UFSM
Prof. Dr. Go Tani - USP/SP
Prof. Dr. Jefferson Thadeu Canfield - CEFD/UFSM
Prof. Dr. João Luiz Zinn - CEFD/UFSM
Prof. Lamartine Pereira da Costa - MEC/SEED/SUEPT
Prof. Dr. Manoel José Gomes Tubino - UGF/RJ
Prof. Dr. Renan Maximiliano F. Sampedro - CEFD/UFSM

COMISSÃO EDITORIAL

Profa. Cecy Funck Rubin (Presidente)
Prof. Cândido Simões Pires Neto
Profa. Maria Augusta Salin Gançalves

CAPA: Alexandre Smidt

KINESIS. (CENTRO DE EDUCAÇÃO FÍSICA
E DESPORTOS, UNIVERSIDADE FEDERAL DE
SANTA MARIA).
SANTA MARIA, RS - BRASIL

IASI-18520

OS ARTIGOS PUBLICADOS NESTA REVISTA SÃO DE INTEIRA RESPONSABILIDADE DOS AUTORES. QUALQUER REPRODUÇÃO DOS TRABALHOS DEVERÁ CONTER O NOME DA REVISTA.

SUMÁRIO

EDITORIAL	7
ENSAIOS	
ESPORTE E PERSONALIDADE: TEMOS QUE RENUNCIAR A NOSSA TÃO ANTIGA CONVICÇÃO ? KLEINE, DIETMAR	9
FUTEBOL: JOGO DO TRIÂNGULO AGUIAR, IRAN NEWTON	37
PROPOSTA METODOLÓGICA PARA O DESENVOLVIMENTO DA CRIATIVIDADE EM COMBINAÇÕES DE BALANCEAMENTO PAIXÃO, JACIRA DA SILVA	47
PESQUISAS	
AVALIAÇÃO DA POTÊNCIA MECÂNICA INTERNA EM CRIANÇAS KREBS, RUY JORNADA	59
REFLEXÕES E ANÁLISE CRÍTICA SOBRE AS PROPOSTAS DE PERFIL IDEAL E REAL DO PROFESSOR DE EDUCAÇÃO FÍSICA MUNARO, CLAIRE MARIA	71
O PERFIL DO TÉCNICO DE HANDEBOL GIACOMINI, LUIZ CELSO	93
LIVROS	119
ÍNDICE	124

EDITORIAL

A revista **KINESIS** completou um ano de existência. Ao logo deste tempo lutamos contra inúmeras dificuldades que, de uma forma ou de outra, contribuíram para o atraso na edição dos números referentes a 1985.

Gostaríamos de agradecer aos nossos assinantes que, tolerantemente, souberam aguardar à resolução dos nossos problemas. Hoje, graças ao apoio financeiro do CNPq e FINEP, normalizamos nossa edição. Estes órgãos, em boa hora, pretendem desenvolver uma política mais efetiva na área da publicação científica. E para isso, apoiam as revistas de boa qualidade. Nós estamos entre elas.

Iniciamos, com este número, o Volume Nº 2 correspondente ao ano de 1986. Coerentes com a política adotada por esta revista - publicar trabalhos de docentes de outras Instituições e outras áreas do conhecimento - entregamos aos nossos leitores inúmeros Ensaio e Pesquisas que abordam a Educação Física sob diferentes aspectos.

Esta revista sempre, neste período de existência, contou com o apoio e a confiança da Direção de nossa unidade de ensino. Hoje, no momento que acontece uma mudança na Direção do Centro de Educação Física e Desportos, agradecemos ao Dr. Jefferson Thedeu Canfield o incentivo a nós dispensado. O retorno do CEFD/UFSM às atividades editoriais não seria possível sem a sua visão do futuro, sem o seu espírito de luta e a sua confiança nos destinos da Educação Física. Obrigado, colega!

ESPORTE E PERSONALIDADE
TEMOS QUE RENUNCIAR A NOSSA TÃO ANTIGA CONVICÇÃO?

ENSAIOS

* DIETMAR KLEINE

RESUMO: O PRESENTE ENSAIO TRATA DO TEMA ESPORTE E PERSONALIDADE DANDO ENFOQUE A EXPOSIÇÃO DAS HIPÓTESES CENTRAIS DESTA ÁREA DE PESQUISA DA PSICOLOGIA DO ESPORTE, ASSIM COMO AOS PROBLEMAS QUE AÍ SURTEM. AS PERGUNTAS ABORDADAS EM DETALHES SÃO, SE HÁ DIFERENÇAS DE PERSONALIDADE ENTRE DESPORTISTAS E NÃO-DESPORTISTAS OU TAMBÉM ENTRE DESPORTISTAS DE DIFERENTES MODALIDADES, SE DESPORTISTAS DE ALTO NÍVEL DIFEREM NA SUA PERSONALIDADE DO DESPORTISTA "COMUM" E SE HÁ UMA RELAÇÃO ENTRE PERSONALIDADE E RENDIMENTO ESPORTIVO. ALÉM DISSO, A PERGUNTA VERSARA SE DIFERENÇAS DE PERSONALIDADE SÃO ATRIBUÍVEIS AOS EFEITOS DE SELEÇÃO OU DE SOCIALIZAÇÃO (APRENDIZAGEM). UMA ANÁLISE CRÍTICA DE PESQUISAS E DA LITERATURA MOSTRA QUE, EMBORA SE CONSTATE DIFERENÇAS EM ALGUNS TRAÇOS DA PERSONALIDADE, ESTAS DIFERENÇAS SÃO RELATIVAMENTE PEQUENAS. MOSTRA-SE, ALÉM DISSO, QUE TRAÇOS GERAIS DA PERSONALIDADE NÃO ESTÃO LIGADOS AO RENDIMENTO ESPORTIVO, E POR ISSO TORNA-SE EVIDENTE QUE CABE A PERSONALIDADE UMA IMPORTÂNCIA MUITO MENOR PARA O RENDIMENTO ESPORTIVO DO QUE GERALMENTE SE SUPUNHA.

1. INTRODUÇÃO

Provavelmente não existe nenhum tema na Psicologia do Esporte, ao qual foi dedicado tanto interesse, quanto à pergunta referente ao relacionamento entre o esporte e a personalidade.

No entanto, para nós já é uma opinião bem conhecida e bem divulgada, que esporte e personalidade têm algo a ver um com o outro. Não é nossa firme convicção que os desportistas diferem na sua estrutura de personalidade dos não-desportistas? Não acreditamos além disso que, por exemplo, um nadador difere de um jogador de handebol? Esta opinião - como KROLL (1970) afirma - é a condição básica "com força quase mística" para a pesquisa da personalidade no esporte", por as dizer: o "motor" da pesquisa.

Um tal ponto de vista "crente" - como MORGAN (1980) o denomina-

* Professor da Universidade Livre de Berlim/RFA
Professor Visitante na UFSM - 1983/1984

se documenta também na afirmação da ação da Educação Física escolar sobre o desenvolvimento da personalidade. Praticamente não existe professor de Educação Física ou técnico que não acredite contribuir com a sua atividade não só para a aptidão física, mas também para o desenvolvimento da personalidade do jovem.

Isto é normal e razoável: professor e técnico não devem se restringir exclusivamente ao treinamento do corpo, porém, devem tentar influenciar a formação total da personalidade - isto, sim, é Educação. Torna-se, no entanto, problemático quando se afirma que a atividade física, seja escolar ou no clube, oferece uma possibilidade única de formar o caráter, ou seja, uma possibilidade que só ela oferece, o que não aconteceria, por exemplo, com a aula de Matemática ou outros sistemas sociais.

Assim, não é de se estranhar que as primeiras pesquisas feitas neste campo sejam claramente dirigidas pelo interesse de comprovar que, por exemplo, bons desportistas são hábeis também em outras áreas, seja na escola, no trabalho, nas Forças Armadas, que a atividade desportiva forma o "bom cidadão". Isto é, que a atividade física contribui para um desenvolvimento desejado da personalidade, desejado no sentido que prove ser útil para os sistemas acima citados. A maioria das pesquisas, sem que o percebamos, adota um ponto de vista ideológico frequentemente não mais posto em questão. Isto significa, como SACK (1982a, p. 99) formula, que "não se usa o ceticismo que protege perante preconceitos usuais e desejos pensados, mas são procuradas provas para a utilidade pedagógica e nacional dos sistemas social do esporte". Logo, se deseja principalmente legitimar o esporte como sistema social.

Porém, colocam-se também afirmações que objetivam uma orientação contrária. Especificamente por críticos do esporte de alto nível encontra-se com frequência a opinião que o esporte leva à estruturas negativas e indesejadas da personalidade. SINGER (1982,p.87) menciona tais opiniões, por exemplo, que "o esporte causa um aumento de hostilidade, encoraja a atitude de trapacear e de ganhar a qualquer preço, infla o ego além da realidade (...), que os atletas sejam psicologicamente prejudicados ou mesmo 'doentes' ".

Nota-se, no entanto, que ambas as posições supõem uma influên-

cia do esporte na formação da personalidade, num caso atribui-se uma influência positiva e no outro uma influência negativa indesejada.

Será que estas suposições estão realmente certas? As afirmações sobre relações entre esporte e personalidade tratam-se, na verdade, de um preconceito, isto é, de afirmações funcionais de origem ideológica? Temos de revisar as nossas opiniões tão conhecidas e já aceitas? A afirmação "esporte forma o caráter" está contradizendo a afirmação de OGILVIE e TUTKO (1971): "Sport: If you want to build your character, try something else" (Esporte: Se quiser formar seu caráter, tente outra coisa).

A conclusão final de CAVASINI e outros (1980) "Atletas diferem de não-atletas em muitas características de personalidade" contrapõe-se à afirmação desanimadora de RUSCHALL (1970) que, mesmo se isto estiver certo, "Personality is not a significant factor in sport performance" (A personalidade não é um fator significante no rendimento esportivo).

Dar uma resposta bem clara, inequívoca a esta pergunta, não é fácil. Por um lado isto acontece por já existir tão grande quantidade de publicações referentes ao tema Esporte e Personalidade, e uma visão geral quase não é mais possível. Assim, ESSING, BERTRAM e MECKBACH (1976) já mencionam na sua bibliografia mais de 170 estudos; CAVASINI, MATSUDO e CAZELATTI, autores brasileiros que se ocupam com este tema, avaliam na sua análise literária cerca de 25 trabalhos (norte-americanos). Outras revisões de literatura são de SCOTT (1960), COWELL (1960), COOPER (1969) e de OGILVIE (1968). Além disso, as mais novas contribuições encontradas são as de STEVENSON (1975) assim como na língua alemã de SINGER e HAASE (1975) e especialmente de SACK (1982a,b). Apresentações excelentes da temática e dos problemas com ela relacionados encontram-se entre outros em FISHER (1976), STRAUB (1980) e CARRON (1980). Mais facilmente disponíveis para o leitor brasileiro são os livros de SINGER (1980) e especialmente de THOMAS (1983) que dão uma boa introdução na temática.

Mais uma razão porque uma resposta às perguntas acima colocadas é tão difícil, reside no fato de que as acima citadas revisões da literatura não chegam a uma avaliação de concordância, mas sim a uma avaliação controversa.

Queremos aqui, neste ensaio, tentar elucidar os problemas inerentes à temática "Esporte e Personalidade" e tentar esclarecer, para quais afirmações, que neste texto são feitas, existem inequívocas provas empíricas.

2. PERSONALIDADE E SUA AVALIAÇÃO

Mesmo a que a palavra **personalidade** seja um conceito conhecido, já aparece aqui o primeiro problema, pois existem provavelmente tantas definições do que se entende por personalidade, como existem pesquisadores que se dedicam ao estudo deste tema. Alguns exemplos são (citados por FISHER, 1976, p. 316):

"Personalidade

(...) é uma continuidade fluente de acontecimentos entre organismo e meio ambiente (MURPHY, 1947);

(...) pode ser definida como aquilo que diz, o que o ser humano vai fazer, quando chega numa determinada situação (CATTELL, 1955);

(...) é a organização dinâmica dentro de um indivíduo, de tais sistemas psicofísicos, que determinam sua singular adaptação ao meio ambiente (ALLPORT, 1937);

(...) é a soma total das características de um indivíduo que o torna singular (HOLLANDER, 1967);

(...) é o padrão singular de traços de uma pessoa (GUILFORD, 1959) ".

Como se torna claro nestas definições, personalidade pode ser contemplada sob um ponto de vista ideográfico ("cada pessoa é singular") ou também de um ponto de vista nomotético ("todas as pessoas são, de uma certa forma, iguais"), de um ponto de vista biológico-genético ou de um que acentua a relevância da influência do meio social, ou também sob cada ponto de vista entre estes extremos. Além disso, pode-se considerar a personalidade como estática ou dinâmica, como firme ou transformável - e para cada uma dessas possíveis formas de conceitualizar a personalidade existem teorias. Isto é ilustrado claramente por KLUCKHONN e MURRAY (1949), que constatam que as teorias, de acordo com seu enfoque preferido, partem da suposição de que cada pessoa é:

- ... igual a todas as outras pessoas;
- ... como algumas pessoas;
- ... como nenhuma pessoa.

2.1 Teorias de personalidade

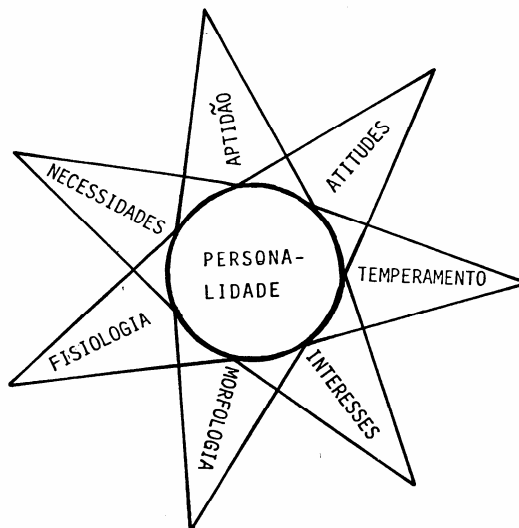
É claro, que esta multiplicidade de abordagens teóricas não facilita bem a compreensão. A estas abordagens pertencem, entre outras, as teorias psicodinâmicas como a de FREUD, bem como, por exemplo, as teorias de KRETSCHMER (1928) e SHELDON (1942), que afirmam uma relação entre fisionomia e caráter.

Sem desejar reduzir as contribuições destas e de outras teorias ao nosso atual nível de conhecimento, pode-se, no entanto, verificar que na atual Psicologia Empírica da Personalidade, logo também na Psicologia do Esporte, predomina claramente o assim chamado princípio de traços. Entende-se por traços características do indivíduo que são a base do comportamento e o determinam. De GUILFORD vem a sugestão, de qualquer forma perceptível e relativamente duradoura, na qual um indivíduo difere de outro, deve ser considerada como "traço". Um "traço" pode ser conceitualizado como uma causa ou tendência mais geral ou mais profunda do comportamento, que leva à consistência e generabilidade do comportamento. Logo, um traço contribui para a estabilização do comportamento através do tempo, bem como também em situações diferentes. Assim, traços são vistos como tendências de comportamento do indivíduo, que são relativamente universais (isto é, válido para muitas pessoas), relativamente gerais (isto é, válido para muitas situações diversas) e relativamente estáveis (isto é, válido para muitos momentos).

O esforço de pesquisadores, que defendem esta abordagem (entre os mais conhecidos estão EYSENCK, GUILFORD e CATTELL), consistiu principalmente em encontrar traços fundamentais e constituintes da personalidade, que, em virtude do procedimento estatístico, ligado a esta abordagem, a análise de fatores, são chamados também de fatores ou dimensão da personalidade.

A grande variedade daquilo que abrange a personalidade queremos ilustrar com o seguinte demonstrativo:

Fig. 1 - Aspectos diferentes da personalidade



Aqui diversos aspectos são diferenciados, assim por exemplo: a área dos interesses, a área das atitudes, das necessidades e do temperamento. Pertencem sem dúvida à personalidade, num sentido mais amplo, também as capacidades intelectuais, perceptivas e motoras, que são englobadas pela aptidão, assim como evidentemente também as qualidades fisiológicas e morfológicas do indivíduo.

Outro princípio teórico, que deve ser mencionado neste contexto, é a assim chamada teoria de aprendizagem social que se desenvolveu como crítica ao princípio de traços. Enquanto o princípio de traços quer explicar o comportamento por intermédio de condições que estão dentro da **pessoa** - justamente os traços da personalidade - o princípio de aprendizagem social acentua a relevância da **situação** na qual é mostrado o comportamento. Portanto, aqui está o contexto situacional como decisivo para o comportamento. Em oposição ao princípio de traços, onde uma consistência do comportamento é previsto também em situações diversas, a pessoa muda de acordo com o modelo situacional o seu comportamento, dependendo da respectiva situação.

Queremos esclarecer rapidamente com um exemplo: segundo o princípio de traços a ansiedade é uma disposição mais geral do indivíduo de reagir numa variedade de situações com um comportamento medroso. Segundo a teoria da aprendizagem social, não é a disposição da personalidade que faz a pessoa reagir com medo, porém a situação específica, por exemplo: uma competição iminente.

Torna-se claro, que ambos os princípios só podem explicar uma parte das diferenças existentes entre as pessoas: no princípio dos traços, só aquela parte que remonta às condições que estão dentro da pessoa; no princípio de aprendizagem social, só aquela parte remontando às condições que estão na situação. LEWIN, já na década de 30, montou a fórmula que o comportamento é uma função de influências da pessoa e do meio ambiente, o que é levado em consideração exatamente no chamado modelo interacional. Portanto, o comportamento é condicionado por condições dentro da pessoa (isto é, traços) como também por condições da situação, especialmente, porém, pela interação dessas duas fontes de causas. Com que intensidade de medo alguém reage, dependerá tanto da sua ansiedade geral (traços), como da intensidade do estímulo, ou seja, da situação.

2.2 Avaliação da personalidade

Dirijámo-nos agora ao problema como a personalidade é avaliada. Pois é só este passo que permite nos ocuparmos empiricamente com o tema.

Certamente não é errado afirmar-se não haver procedimento psicodiagnóstico algum que não tenha sido utilizado para a avaliação da personalidade.

Há uma grande variedade de métodos aplicados para a avaliação de diversos aspectos da personalidade. Sem querer ser exaustivo, temos que mencionar a auto-avaliação e a avaliação alheia (por exemplo a avaliação pelo professor ou companheiros) ou também a observação do comportamento. Além disso, são bem difundidos métodos utilizando testes projetivos nos quais as pessoas devem interpretar desenhos ambíguos. Por exemplo: manchas de tinta. Com todos estes métodos deve-se levar em consideração que eles, via de regra, estão ligados a uma certa teoria da personalidade e assim apresentam a sua opera-

cionalização unida ao que é entendido por personalidade na respectiva teoria.

Na maioria das vezes - isto se refere especialmente à Psicologia do Esporte - utiliza-se entretanto inventários da personalidade. Nesta forma de procedimento, intimamente ligada com o princípio de traços, os sujeitos posicionam-se perante afirmações como: "às vezes penso que não sirvo para nada" ou "enrubeço com facilidade".

Alguns destes inventários foram testados em milhares de pessoas e correspondem em grande medida às exigências de objetividade, fidedignidade e - também em dimensões menores - de validade, exigências feitas pela teoria de construção de testes. Aqui devem ser mencionados sobretudo os seguintes testes de personalidade: o 16 P.F. (Personality Factors) de CATTELL, o MPI (MAUDSLEY Personality Inventory) de EYSENCK, o MMPI (Minnesota Multiphasic Personality Inventory) ou o EPPS (EDWARDS Personality Preference Schedule). Tais inventários abrangem traços de personalidade muito gerais, como por exemplo: extroversão, introversão, auto-confiança, agressividade, neurotismo, etc...

Indicamos aqui como exemplo as características (Fatores), que segundo a teoria de CATTELL, compõem a personalidade e que se avalia com o inventário "16P.F." (ver Quadro 1).

Outros questionários da personalidade nomeiam os traços de personalidade por eles medidos às vezes muito parecidos, porém com isso nem sempre o mesmo é entendido. Correlações entre traços de personalidade, que têm o mesmo nome, mas são avaliados através de diversos questionários, estão longe de serem perfeitas e só raramente chegam a um valor de $r = 0.5$.

Finalizando, deve-se, no entanto, ainda chamar atenção ao fato de que inventários de personalidade como os acima citados compreendem principalmente o campo das características de temperamento, logo, só uma pequena parte daquilo que abrange a personalidade no seu todo.

3. OS OBJETIVOS DA PESQUISA DA PERSONALIDADE NO ESPORTE

mesmo deixando de levar em conta o objetivo de legitimar o es-

Quadro 1 - Fatores da personalidade segundo CATTELL,
avaliados pelo questionário "16 P.F."

FATOR	SIGNIFICADO - NÍVEL BAIXO	SIGNIFICADO - NÍVEL ALTO
A	Reservado, frio	Expansivo, afetivo
B	Menos inteligente	Mais inteligente
C	Emotivo, instável	Amadurecido, independente
D	Submisso, brando (submissão)	Afirmativo, independente (dominância)
E	Sóbrio, sério, taciturno	Despreocupado, alegre, entusias- ta
F	Evasivo, impulsivo	Persistente, rígido
H	Acanhado, reprimido, tímido	Desenvolto, afoito, ousado
I	Realista, rude, prático	Brando, terno, superprotegido
L	Confiante, acomodado	Desconfiado, obstinado, ciumento
M	Prático, formalista	Imaginosa, absorto, boêmio
N	Simples, natural, genuíno	Refinado, apurado, sofisticado
O	Plácido, seguro de si	Apreensivo, preocupado, inseguro
Q ₁	Conservador, conformado	Radical, crítico
Q ₂	Aderência ao grupo	Auto-suficiência
Q ₃	Sem autodisciplina	Autocontrole
Q ₄	Fleumático	Tenso, excitável

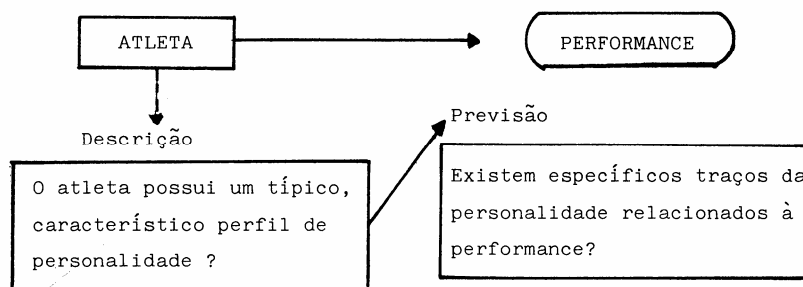
portê como utilidade social, em virtude da sua orientação ideológica, sempre resta perguntar: O que é que se deseja alcançar com a pesquisa da personalidade no esporte? Quais os argumentos básicos que neste caso serão defendidos?

Com toda a atuação científica, também a ocupação com o problema referente ao esporte e personalidade tem por objetivo descrever, explicar e prognosticar.

Um objetivo principal está certamente na descrição: pesquisas psicológicas no esporte devem, por exemplo, dar uma resposta à pergunta: "Em quais características da personalidade diferenciam-se os desportistas dos não-desportistas"? Ou talvez também: "Como diferenciam-se nadadores e jogadores de handebol"? Já que uma mera identificação das diferenças fica ao longo do tempo bastante insatisfatória, deseja-se saber, além disso, como pode se aplicar estes conhecimentos, por exemplo, na convocação de jogadores para a seleção nacional. Mas para isso também é necessário saber quais os traços de personalidade que estão ligados ao rendimento.

Além disso, também se está interessado em saber **porquê** surgem diferenças em determinados traços de personalidade, porquê estes estão ligados ao rendimento, etc... Isto quer dizer, procura-se uma explicação. O modo de proceder pode ser ilustrado da seguinte maneira (Fig. 2)

Fig. 2 - Estratégia de pesquisa



Fonte: Adaptado de CARRON, 1980.

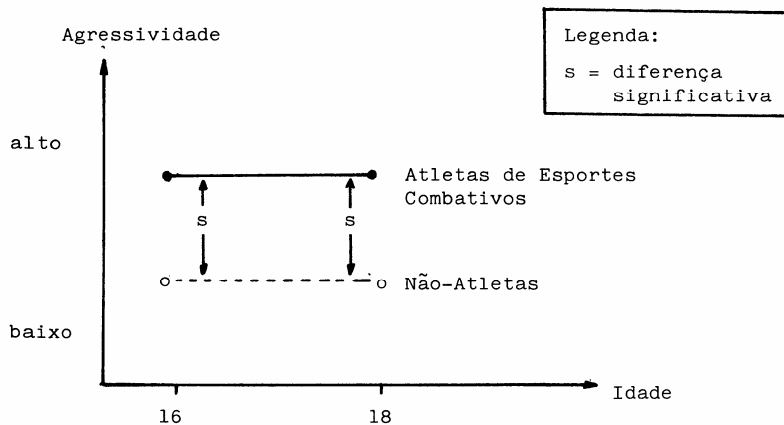
Quais são as hipóteses que servem como base para a pesquisa ao tema esporte e personalidade?

(1) A hipótese principal afirma que diferenças no engajamento esportivo estão acompanhadas de diferenças na estrutura da personalidade. Portanto, desportistas são "diferentes" de não-desportistas; professores de Educação Física são "diferentes", por exemplo, dos professores de línguas; desportistas de alto nível "diferem" dos desportistas médios, e assim por diante, o número de tais comparações podendo ser aumentada a vontade.

(2) Pode-se diferenciar duas subformas desta hipótese que tentam explicar estas diferenças:

a) A hipótese da **seleção**: são pessoas com uma determinada estrutura de personalidade que se dedicam ao esporte em geral, ou seja, a uma determinada modalidade desportiva. Isto quer dizer que a pessoa, antes de iniciar a atividade esportiva, já possui uma determinada estrutura de personalidade que, no decorrer do tempo, revela-se como "típica" - como por exemplo para o "jogador de handebol" ou o "nadador". Formulando de outra forma, o desportista já possui as características típicas para a modalidade desportiva por ele praticada. Isto está ilustrado na Figura 3.

Fig. 3 - Seleção (sem Aprendizagem)

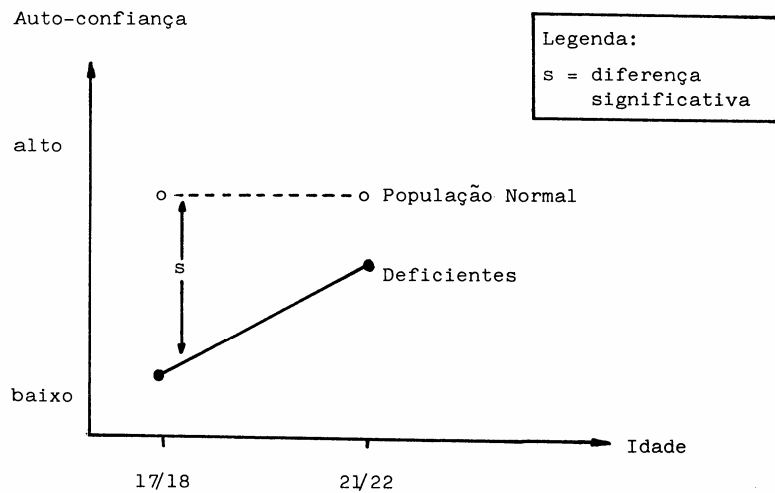


Neste fictício exemplo supomos que os participantes em modalidades combativas como, por exemplo: jodo, box, karatê, já antes do início de suas carreiras dispunham de agressividade além do normal, que não se modificou substancialmente no decorrer do tempo. Logo, a atividade, neste caso, não teve influência na formação da personalidade e também não modificou a personalidade.

b) A hipótese da **socialização**: esta segunda hipótese significa que a participação em atividades físicas, ou seja, numa determinada modalidade esportiva leva a uma determinada estrutura da personalidade, que a atividade física forma a personalidade ou - expresso de forma mais neutra - a modifica. Neste caso são possíveis duas tendências de transformação.

- (i) Desvios da média da população já existentes antes da atividade são compensadas pela atividade física: que logo causa um processo de adaptação. Encontra-se então uma socialização **convergente**. O processo que serve de base pode-se denominar **seleção com compensação** (Fig. 4).

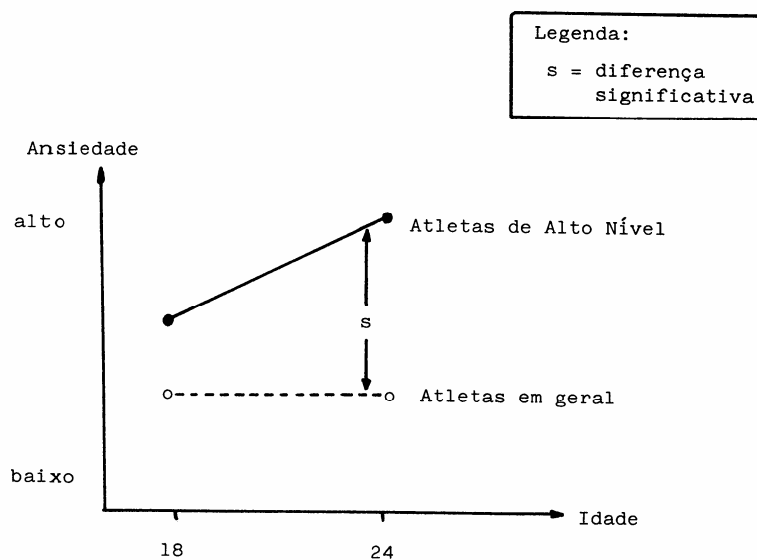
Fig. 4 - Seleção com compensação



Como exemplo ilustrativo, escolhemos aqui o e feito de um programa desportivo especial para deficientes, o qual leva para um aumento tal da auto-confiança que, após este programa, não se encontra nenhuma diferença neste traço de personalidade entre deficientes e não-deficientes.

- (ii) A outra variante parte de que, antes do início da atividade desportiva não exista nenhuma divergência da média, porém no decorrer da atividade desportiva tais diferenças surgem. Aqui se trata então de uma **Socialização divergente**. Este processo de **aprendizagem sem seleção** pode ser ilustrado através da Fig. 5.

Fig. 5 - Aprendizagem sem Seleção



Segundo este modelo os desportistas, no início, não se diferenciam, em relação ao seu medo, mas no decorrer da carreira desportiva poderia se desenvolver um considerável acréscimo de medo nos desportistas de alto nível.

4. RESULTADOS EMPÍRICOS

A seguir tentaremos esclarecer quais os resultados empíricos a

presentados perante as hipóteses acima citadas. Aqui tem-se, em princípio, a escolha entre dois métodos de procedimento:

a) Uma simples "pesquisa transversal", na qual a personalidade é avaliada uma única vez. É óbvio que tal forma de procedimento não está em condições de examinar as hipóteses centrais para o esporte e personalidade. Pois se aqui resultam diferenças de personalidade, assim não se pode decidir de forma alguma, se estas diferenças já existiam anteriormente (hipótese de seleção) ou são consequência da atividade desportiva (hipótese de aprendizagem). Não se encontram nenhuma diferença, isto não significa, por outro lado, de forma alguma, que antes do início da carreira desportiva não tenha havido alguma diferença, a qual, no entanto, foi compensada por intermédio da atividade desportiva.

b) como já ficou evidente através das Figuras, precisa-se para o exame deste problema de um "design" longitudinal, no qual a personalidade é medida no mínimo em dois momentos. Porém, este tipo de pesquisa, que em regra leva vários anos, é extremamente raro. Provavelmente não é errado se afirmar que, mais de 90% das pesquisas feitas são pesquisas transversais, as quais são construídas segundo o esquema a seguir: "Existe uma diferença entre.... e". No lugar destas reticências pode se colocar qualquer característica considerada relevante, na qual ambos os grupos se diferenciam. Observaremos a seguir, primeiramente, uma seqüência de questionamentos deste tipo.

4.1 Existe a personalidade "típica" do desportista?

Aqui temos - como já se receiava - resultados inconsistentes, se não controversos, como vamos demonstrar num exemplo: em CARRON (1980) acha-se uma elaboração de resultados de uma pesquisa de HARDMAN (1983). HARDMAN tinha reunido 42 pesquisas, todas utilizando o mesmo teste, ou seja, o "16 P.F." de CATTELL (TABELA 1).

TABELA 1 - Resultados de 42 pesquisas usando o
Questionário "16 P.F." de CATTELL.

FATOR	INTERVALO	MÉDIA	ACIMA DA MÉDIA	ABAIXO DA MÉDIA
A	4.2.7.6	27	11	4
B	5.0.8.6	8	29	0
C	3.5.7.6	20	1	21
E	4.0.7.8	16	24	2
F	4.3.8.0	12	27	3
G	3.3.8.0	11	8	23
H	3.3.7.5	15	6	21
I	3.3.6.6	17	10	15
L	4.7.7.4	18	21	3
M	4.5.6.9	30	10	2
N	3.4.8.0	17	5	20
O	3.3.7.6	18	19	5
Q ₁	4.7.6.7	22	14	6
Q ₂	4.6.7.7	23	16	3
Q ₃	3.4.7.5	20	8	14
Q ₄	4.5.7.3	18	21	3
ANSIEDADE	4.0.7.9	15	22	5
INTROVERSÃO/ EXTROVERSÃO	4.3.8.0	21	15	6

Fonte: Adaptação feita por CARRON, 1980, p.28

Esta Tabela permite uma rápida visão sobre o intervalo, no qual se situam os resultados para cada traço de personalidade e também está mencionado a freqüência de resultados (a) situados na área normal, isto é, onde não resultam diferenças em relação à média da população (valores entre 5.0 e 6.0); (b) abaixo da média populacional onde apresenta um grau menor do traço da personalidade (valores menores que 5.0) e finalmente (c) situados acima da média da população, onde apresenta uma manifestação mais acentuada do traço da personalidade (valores acima de 6.0).

Destes resultados tomaremos uma vez os para o fator I ("realista, rude, prático vs. brando, terno, super-protégido"): aqui temos resultados estatísticos significativos que dão direito às seguintes declarações controversas:

- (a) Desportistas não se diferenciam da média da população com respeito a este traço de personalidade (17 resultados semelhantes);
- (b) Desportistas são mais realistas, rudes e práticos do que a média da população (10 resultados semelhantes);
- (c) Desportistas são mais brandos, ternos e super-protegidos do que a média da população (15 resultados semelhantes);

O único traço de personalidade no qual se pode reconhecer um padrão consistente é a inteligência geral (fator B): logo, desportistas possuem ao menos um grau médio de inteligência.

Não desejamos aqui proceder a uma avaliação da grande quantidade de pesquisas, o que poderá ser feito através da leitura das revisões de literatura. Aqui queremos muito mais proceder a uma (cautelosa) avaliação geral. Para isso, nos apoiamos em SACK (1982a), o qual é da opinião que, mesmo com a inconsistência dos resultados em alguns traços de personalidade, realmente existem diferenças entre praticantes e não-praticantes de esporte dos 12 aos 22 anos. Os atletas são portanto mais sociais e despreocupados (extrovertidos), menos medrosos (neuróticos) e mais dominantes; eles são mais ajustados, são mais conservadores e mais interessados em coisas práticas que teóricas; raras vezes eles são menos motivados para o rendimento, menos agressivos ou autônomos do que os não-atletas. Mas para finalizar, SACK acrescenta, que em cada caso individual, dever-se-ia partir de que desportistas estão com maior frequência dentro da área média, do que se afastam dela.

4.2 Existem diferenças de personalidade específicas a cada modalidade desportiva?

Uma possibilidade de explicar a inconsistência dos resultados à pergunta anterior, consiste em afirmar que as diferenças são encoberdas, pois o grupo de desportistas é muito heterogêneo. Se num exemplo - fictício - junta-se num único grupo os nadadores, os quais mostram grau menor de medo, com os lutadores, os quais têm um alto grau de medo, pode resultar um valor médio correspondendo à população normal. Com isso abandona-se, no entanto, a hipótese de uma única "típica" personalidade desportiva, mas é afirmado que os prati-

cantes de uma determinada modalidade possuem uma estrutura de personalidade parecida, diferente daquela dos praticantes de outras modalidades desportivas, mas também diferente da média da população.

Será que existe, no ponto que diz respeito à personalidade, realmente o "típico" nadador, o "típico" ginasta?

Esta hipótese pode ser testada, comparando-se participantes de uma determinada modalidade com a média da população ou com participantes de outras modalidades desportivas.

Também aqui, os resultados não são de forma nenhuma consistentes e apoiam apenas de forma bem restrita a convicção muito divulgada, de que há uma típica estrutura de personalidade para cada modalidade desportiva. Segundo SACK (1982a, p. 130), os resultados obtidos a respeito mostram, que entre participantes de diferentes modalidades existem diferenças ainda menores na personalidade, do que entre desportistas e não-desportistas.

Em desacordo com isso estão os resultados da pesquisa de SCHURR, ASHLEY e JOY (1977), os quais conseguiram achar personalidades desportivas típicas quando eles tomaram em consideração não modalidades desportivas separadamente, porém grupos de modalidades. Estas modalidades desportivas diferem segundo o critério: se há a possibilidade de atacar diretamente o adversário (box) ou se não há a possibilidade de uma confrontação direta (ginástica artística, vólibol), além disso, se se trata de um desporto individual ou coletivo e se a atividade é de curta ou longa duração (golf, tênis, ginástica artística, natação, atletismo). Os resultados correspondem de um lado aos estereótipos de desportistas que nos são tão familiares; mas se eles realmente são efetivos, por outro lado ainda requerem um exame pormenorizado, quer dizer, uma replicação.

Poderia se ampliar o argumento de confusão de diferenças acima citado e dizer que as diferentes posições e funções que um desportista executa estão ligadas a uma estrutura específica de personalidade, isto é, que para goleiros, atacantes, etc... resulta uma estrutura específica. Também esta suposição não pôde ser confirmada em virtude da incoerência dos resultados das pesquisas.

4.3 Existe a personalidade específica do desportista de alto nível?

Não é de se estranhar que justamente nos desportistas de alto nível - logo no campo extremo do esporte - se supõe diferenças da média da população: principalmente então, quando, com um engajamento médio no esporte, resultam apenas pouquíssimas diferenças. Mas também para esta suposição não há suficiente prova empírica. A grande maioria das pesquisas a respeito sugere, ao contrário, que desportistas de alto nível possuem uma estrutura de personalidade dentro da área normal. Existem, no entanto, também uns poucos estudos que atribuem ao desportista de alto nível anomalias na estrutura da personalidade.

Por causa da inconsistência, que é observada também nesta pergunta, na contradição dos resultados, não se pode afirmar a hipótese de uma personalidade especial do desportista de alto nível, como por exemplo OGILVIE (1968) defende. Os desportistas de alto nível se mostram de forma acima do normal extrovertidos, dominantes e motivados para o rendimento, porém eles não diferem nisso substancialmente do praticante "comum".

4.4 Existe uma relação de personalidade e sucesso desportivo?

A pergunta, se determinados traços de personalidade têm conexão com o rendimento no esporte, é naturalmente de grande interesse sob ponto de vista de aplicação. Se conhecessemos os traços de personalidade relevantes para o sucesso, seria por exemplo possível uma seleção tal de desportistas que apresentassem estas características, ou poder-se-ia por exemplo, tentar por intermédio de um programa de treinamento, desenvolver estes traços de personalidade.

Os resultados porém não são muito animadores: já citamos RUSHALL (1970) que chegou à conclusão que a personalidade não é um fator significativo para o rendimento desportivo. Isso reflete ainda o ponto de vista de conhecimento atual, sendo que também SACK (1982a) afirma que traços de personalidade não têm conexão com o rendimento desportivo e que também não existe nenhum traço de personalidade que, em divergência com o anteriormente dito, se tenha provado como sendo de maior relevância para o rendimento.

4.5 Existe a típica personalidade do Professor de Educação Física?

Para esta pergunta existem resultados surpreendentemente inequívocos. SACK (1982a, p. 138) relata que somente duas entre dez pesquisas que ele avaliou não apresentam diferenças. Professores e professores de Educação Física têm portanto uma estrutura de personalidade diferente. Eles são emocionalmente mais estáveis, dominantes, entusiastas, tendem para o sentimento de culpa, mostram um aversivo maior, são mais extrovertidos, etc...

4.6 O esporte forma a personalidade ou uma determinada estrutura de personalidade é a causa para que seja escolhida uma determinada modalidade desportiva?

A pergunta central da pesquisa da personalidade no esporte é concebida nos seguintes termos: "A atividade desportiva leva a modificações no campo da personalidade - ou são pessoas com uma estrutura de personalidade específica, que se dedicam ao esporte em geral ou a uma determinada modalidade desportiva?" Logo: trata-se de socialização (aprendizagem ou seleção)? A simples constatação, que num determinado tempo resultam ou não diferenças na personalidade, não há nenhuma contribuição para se responder a esta pergunta. Pois, quando numa pesquisa aparecem diferenças, estas já podem ter existido antes de iniciar a dedicação ao esporte; quando não surgem, não significa que anteriormente não tenha havido nenhuma, mas a qual com a atividade desportiva pode ter sido compensada.

Nós já tínhamos concluído que pesquisas longitudinais, que são as únicas capazes de resolver este problema, só existem em número relativamente pequeno. Uma das pesquisas mais conhecidas é a de WERNER e GOTTHEIL (1966), que citamos como exemplo. Estes autores tinham pesquisado cadetes militares, 340 dos quais já possuíam uma carreira esportiva, aplicando o teste "16 P.F." de CATTELL ao ingressarem e também 4 anos mais tarde ao saírem da academia militar. Embora que os 116 não-desportistas participavam durante 4 anos no intensivo programa esportivo deste curso, revelou-se que este grupo não mostrou:

- (a) maiores modificações de personalidade que os desportistas
- (b) não se modificou de maneira diferente dos desportistas

(c) também não se aproximou na sua estrutura de personalidade aos desportista.

Este resultado é típico, como conclui SACK (1982a, p.143), que avaliou 35 pesquisas destas.

Ele afirma que em cerca de 75% das características de personalidade pesquisadas havia um desenvolvimento paralelo, isto é, onde no início havia diferenças, estas permaneciam e que, onde no início não havia diferenças, estas também não apareceram depois. As formas de socialização convergente (diferenças diminuem no decorrer da atividade desportiva) e de socialização divergente (diferenças aumentam) surgem na mesma proporção. No entanto não se pode identificar nenhum traço de personalidade, o qual sistematicamente relacione-se com uma das duas formas.

Para responder à pergunta, se de outro lado existem efeitos de seleção, ou seja, se existe um "ajuste" entre modalidade desportiva e personalidade, tem-se no entanto, ainda menos pesquisas à disposição.

Assim, temos que constatar que também estas pesquisas longitudinais explicam as diferenças sempre relatadas nos estudos transversais só de maneira altamente insuficiente. Isto acontece pelo fato dos resultados serem bastante inconsistentes, e de poucas diferenças que aparentam ser consistentes serem relativamente pequenas. Do outro lado, uma das fases mais importantes neste processo ainda está insuficientemente pesquisada, a saber, a chamada fase de recrutamento ou iniciação no esporte.

5. PROBLEMAS METODOLÓGICOS E TEÓRICOS

Existe um grande número de problemas metodológicos e conceituais ainda não solucionados bem como simples erros, os quais deixam parecer inúteis, em grande parte, pelo menos, as pesquisas mais antigas. RUSHALL (1970) salientou que, se excluirmos todos os estudos com erros de metodologia, restariam tão poucas publicações que uma generalização dos resultados não seria mais permitida.

Alguns desses erros e problemas desejamos enfocar aqui (compare a apresentação minuciosa de CARRON, 1980, p. 29 ou SACK, 1982a, 161).

Já na fase preparatória de uma pesquisa acontece muitas vezes o primeiro erro: revisões de literatura em que se baseia, principalmente as antigas, não são críticas. Elas relatam de preferência resultados positivos ou acentuam as críticas de maneira inadequada. Afora disso, elas tentam chegar a uma avaliação global dos resultados onde raramente se chega a uma consequência como "infelizmente não sabemos de nada preciso" (o que também se vende com mais dificuldade).

Também devem ser feitas muitas objeções referentes aos métodos para a avaliação da personalidade: procedimentos clínicos e projetivos muitas vezes não correspondem às exigências de objetividade e fiabilidade, inventários objetivos, por outro lado, frequentemente não correspondem às de validade. Neste contexto, muitas vezes repara-se também que estes inventários de personalidade são facilmente falsificáveis e sujeitos a influências distorcidas. Isto está certo mesmo descartando a possibilidade de uma simples mentira. Mesmo assim distorções, por exemplo, podem acontecer porque o desportista que receber um questionário destes, quer contentar seu técnico ou psicólogo e, mais ou menos inconscientemente, marca as respostas, as quais ele julgaria que sejam as desejadas pelo técnico, psicólogo ou a sociedade. Embora se tenha várias possibilidades de agir contra estas tendências distorcentes, estas só raras vezes foram aplicadas.

Uma outra objeção se ocupa com a aplicação incorreta dos instrumentos. Assim o MMPI é um questionário para abranger anomalias no campo da personalidade, que geralmente é usado somente no campo clínico e também somente para isso é válido.

Além disso, os resultados provavelmente são inconsistentes, por que os grupos respectivos não podem ser comparados entre si; isto pode ocorrer por exemplo, quando forem aplicados critérios diferentes para determinar quem é desportista e quem é não-desportista, quem é desportista de alto nível e quem não o é. Além disso, não se utilizava, via de regra, amostras aleatórias, o que é uma condição necessária para os testes estatísticos e também para a generalização dos resultados.

Podem surgir ainda outros erros no passo seguinte do processo de pesquisa, no processamento estatístico, mas não desejamos tratar disso aqui.

Finalmente encontram-se muitas falhas na interpretação dos resultados. Assim, simples correlações são interpretadas como causa-efeito, ou diferenças, embora estatisticamente significantes, porém mínimas, são consideradas relevantes. Resultados positivos obtêm um peso bem diferente do que os negativos. Assim, por exemplo, se um pesquisador achar diferenças em dois traços de personalidade e os salienta, desaparece completamente ao mesmo tempo a informação de que nas 14 restantes medidas de personalidade não houve diferenças. Naturalmente, além disso o perigo ainda é grande de que resultados negativos nem sejam publicados.

O que se refere ao aspecto conceitual, aqui também temos uma variedade de problemas não resolvidos, os quais HOLTZMAN (1964) reuniu uma vez. Aqui vale, entre outros, mencionar que ainda não há nenhuma definição obrigatória do que se entende por personalidade e de como dever ser avaliada, problemas então, que na Psicologia ainda não foram resolvidos.

Uma outra objeção, a qual nos vamos dirigir mais por extenso, ocupa-se com o problema de que inventários de traços gerais de personalidade têm pouca importância para situações desportivas específicas. Eles são projetados para uma grande quantidade de situações, sejam elas de natureza profissional ou fora da profissão, eles reclamam validade para a população em geral à qual também pertencem além dos desportistas, médicos, professores, agricultores, donas de casa, etc... Será que com este fundo é razoável se esperar uma estreita relação entre esporte e personalidade? Será que por este intermédio as baixas relações encontradas se tornam compreensíveis? KROLL (1970) elucidou este problema com uma expressão bem clara: "Queríamos pescar sardinhas com uma rede para baleias. Agora não devemos ficar surpresos com a pesca pouco satisfatória". Logo, as malhas da nossa rede são muito largas, e a argumentação vai em direção à construção de instrumentos específicos para a avaliação da personalidade no esporte.

Isto no entanto não quer dizer que todo o pesquisador "tricotará" seu próprio questionário, porém estes instrumentos, referindo-se a situações específicas do esporte, devem ser desenvolvidos em relação com uma teoria e, evidentemente, corresponder nos aspectos de ob

jetividade, fidedignidade e validade às altas exigências que se põem para todos estes instrumentos. Um exemplo modelo para isto é a adaptação do State - Trait - Anxiety-Inventoy do SPIELBERGER à situações específicas do esporte por MARTENS (1977): o Sport Competition Anxiety Test.

Por último desejamos aqui inteirar-nos no debate entre o princípio de traços e o princípio de aprendizagem social, logo os dois modelos teóricos predominantes das últimas décadas, até onde diz respeito à pesquisa empírica do comportamento humano.

Traços podem explicar somente a parte das condições do comportamento que está na pessoa. Esta parece, como os resultados das pesquisas mostram, receber uma certa, porém, muito pequena importância.

Segundo o princípio de aprendizagem social uma elevada importância cabe às respectivas condições da situação. Uma das suposições básicas é, segundo MARTENS (1975), que pessoas se comportam de forma diferente, em situações diferentes, enquanto que o comportamento de diferentes pessoas é parecido em situações parecidas.

As poucas pesquisas existentes não podem confirmar isto, elas chegam, ao contrário, a resultados que são, no que toca o valor numérico, comparáveis aos do princípio de traços. Cabe às variáveis de situação, segundo eles, uma certa importância, porém também apenas relativamente pequena. Mais promissório parece ser examinar a interação de variáveis de pessoa e situação, mas para uma avaliação final ainda existem pouquíssimos resultados no campo da Psicologia do Esporte.

6. AVALIAÇÃO FINAL

Até agora defendemos um ponto de vista céptico, que é estabelecido sobretudo no fato de que: (a) em regra não se deixa reconhecer uma consistência dos resultados; (b) grande parte das pesquisas, por causa das faltas metodológicas, só são de utilidade limitada.

Realmente ainda está certo o que MARTENS (1975) escreveu, ou seja, que mesmo após anos e anos de pesquisa só pouco sabemos a respeito da relação entre esporte e personalidade? Realmente é verdade a interpretação dos representantes do ponto de vista céptico, que

desportistas "neuróticos", medrosos, introvertidos, depressivos" apresentam um rendimento igual ao dos desportistas com estrutura contrária da personalidade? Ou será que existe realmente a "típica" personalidade de desportista, o "típico" nadador, jogador de vólibol, etc...? Embora que ainda não consigamos responder a esta pergunta sem equívoco, parece ao menos que nos aproximamos contudo sensivelmente de uma resposta:

- (a) Em alguns poucos traços de personalidade (por exemplo: extroversão) parece existir uma correlação entre personalidade e atividade física;
- (b) Estas correlações tornam-se mais estreitas com o aumento do engajamento desportivo (por exemplo: nos desportistas de alto nível ou professores de Educação Física);
- (c) No entanto, isto tem que ser salientado, esta relação, mesmo em grupos com grande engajamento esportivo, logo onde o esporte tem um papel importante, senão até dominante na vida, está longe de ser perfeita, mas ao contrário, mesmo ali é baixa.

Estas, no entanto, pequenas relações entre esporte e dimensões mais gerais da personalidade parecem nos projetar um retrato mais adequado da situação real: em vez de indicar-se a relutância da realidade, a insuficiência dos instrumentos de medida, etc... deveríamos levar isto como ensejo para modificar a nossa expectativa. É, após tudo, realista esperar-se que o esporte tenha uma influência tão grande sobre o desenvolvimento da personalidade? Contra isto refere-se que o esporte em regra só representa um fator relativamente pequeno na vida do indivíduo, e que da escola, do lar, ou da profissão deve-se esperar, no mínimo, influências equivalentes. Contanto que as pesquisas até agora feitas só reflitam a atual prática desportiva, com isto não está excluído que a atividade física pode ser organizada de tal forma, que se torne atuante sobre a personalidade. Do conhecimento de tais condições estamos no entanto ainda muito afastados.

Por outro lado, será real acreditar-se que características de temperamento possam influenciar tão profundamente no rendimento desportivo? Contra isso fala o nosso conhecimento, que tais rendimen-

mentos contribuem em regra vários fatores internos e externos da pessoa. Mas também não existe nenhum motivo para abandonar, em virtude dos esparços resultados, o princípio de traços em favor do modelo situacional, o qual - como vimos - não rende muito mais, mas também não é supérfluo. Se, no entanto, o modelo de interação de características da pessoa e da situação leva a resultados melhores, isto necessita ainda de uma clara comprovação empírica, no mínimo para o campo da pesquisa da personalidade no esporte. Ulteriormente, é sem dúvida de se esperar uma melhora dos resultados do desenvolvimento e do emprego de instrumentos específicos para o esporte, mas isto não torna, de modo nenhum, a pesquisa de traços gerais da personalidade supérflua.

Para terminar, falta apontar um fato: respondendo às perguntas urgentes da prática, os resultados obtidos até agora não trazem **nenhuma** contribuição. De uma aplicação prática como, por exemplo, para o aconselhamento de técnicos e professores, para a seleção de talentos, para o planejamento do ensino e nas escolas, para a utilização da atividade física como terapia para deficientes, para tudo isso, os nossos atuais conhecimentos estão ainda muito afastados.

Assim só nos resta chegar à conclusão que também, hoje, sabemos relativamente pouco sobre esporte e personalidade para aplicar o conhecimento aos problemas da prática desportiva; mas sabemos o suficiente para submeter nossos preconceitos a uma revisão e pô-los em ordem, e também o suficiente para reduzir a nossa expectativa para uma medida realista. Este foi o objetivo principal dessa contribuição.

7. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- 1 CARRON, A.V. **Social Psychology of Sport**. Ithaca, N.Y, Movement Publications, 1980.
- 2 CAVASINI, S.M; MATSUDO, V.K.R & CAZELATTI, S. Personalidade de atleta: uma revisão da literatura. **Revista Brasileira de Ciência do Esporte**, 1(2): 9-13, 1980.
- 3 COOPER, L. Activity and personality: A review of the literature. **Research Quarterly**, (40): 17-22, 1969.
- 4 COWELL, C.C. Contributions of physical activity to social deve

- lopment. **Research Quarterly**, (31): 286-306, 1960.
- 5 ESSING, W; BERTRAM, W.& MECKBACH,C. Bibliographie zur Psychologie des Sports. Bd. I: **Köln: Deutsche Sporthochschule**, 1969; Bd. II: **Köln: Deutsche Sporthochschule**, 1972; Bd. III: **Schorn-dorf:Hofmann**, 1976.
- 6 FISCHER, A.C. (ed). **Psychology of Sport**. Palo Alto,CA, Mayfield Publishing Company, 1976.
- 7 HARDMANN, K. A Dual Approach to the Study of Personality and Performance in Sport. IN: WHITING, H.T.A, et alii: **Personality and Performance in Physical Education and Sport**. London, Kimp ton, 1973.
- 8 HOLTZMAN, W.H Recurring Dilemas in Personality Assessment. **Journal of Projective Techniques and Personality Assessment**,(28): 144-150, 1964.
- 9 KLUCKHOHN, C. & MURRAY, H.A. **Personality in Nature, Society and Culture**. New York, N.Y., Knopf, 1949.
- 10 KRETSCHMER, E. **Körperbau und Charakter**. Berlin, 1928.
- 11 KROLL, W. Current Strategies and Problems in Personality Assessment of Athletes. In: SMITH, L.E (Ed): **Psychology of Motor Learning**. Chicago, Ill, Athletic Institute, 1970.
- 12 MARTENS, R. The Paradigmatic Crises in American Sport Personology. **Sportwissenschaft**,(5): 9-24, 1975.
- 13 _____. Sport Competition Anxiety Test. **Human Kinetics**, Champaign, Ill, 1977.
- 14 MORGAN, W.P. Sport Personology: The Credulous-Sceptical Argument in Perspective. IN: STRAUB, W.F.: **Sport Psychology An Analysis of Athlete Behavior**. Ithaca, N.Y. Mouvement Publication, 1982,
- 15 OGILVIE, B.C. & TUTKO, T.A. Sport: If You Want to Build Your Character, Try Something Else. **Psychology Today**, (1):61-3,1971.
- 16 OGILVIE, B.C. Psychological Consistencies withing the Personality of High-Level Competitors. **Journal of the American Medical Association**, (205): 780-786, 1968.

- 17 RUSHALL, B.S. An Evaluation of the Relationship between Personality and Physical Performance Categories. IN: KENYON, G.S. : **Contemporary Psychology of Sport**. Chicago, Athletic Institute, 1970.
- 18 SACK, H.G. **Sportliche Betätigung und Persönlichkeit**. Ahrensburg bei Hamburg, Czwalina, 1975.
- 19 _____. Interindividuelle Persönlichkeitsunterschiede und Sportengagement. IN: KIRKCALDY, B.D. (Ed): **Individual Differences in Sport Behavior** (Betrifft: Psychologie und Sport, Sonderband 2). Köln, bps-Verlag, 1982a.
- 20 _____. Sport und Persönlichkeit. IN: THOMAS, A. (Ed): **Sportpsychologie - Ein Handbuch in Schlüsselbegriffen**. München, Urban & Schwarzenberg, 1982b.
- 21 SCHURR, K.T.; ASHLEY, M.A. & JOY, K.L. A Multivariate Analysis Male Athlete Characteristics: Sport Type and Success. IN: **Multivariate Experimental Clinical Research**, (3): 53-68, 1977.
- 22 SCOTT, M.G. The Contributions of Physical Activity to Psychological Development. **Research Quarterly**, (31): 307-320, 1960.

.....
SOLICITAÇÃO DE ASSINATURA - 1986

ESTOU REMETENDO : Cz\$ 30.00

VALE POSTAL Nº ECT (AGÊNCIA UNIVERSITÁRIA)

Nome:		
Endereço:		Bairro:
CEP:	Cidade:	Estado:
Fone:	Data: ___/___/___	

 Assinatura

- 23 SHELDON, W.H. & STEVENS, S.S. **The Varieties of Temperament: A Psychology of Constitutional Differences.** New York, Harper & Row, 1942.
- 24 SINGER, R. & HAASE, H. Sport und Persönlichkeit. IN: **Sportwissenschaft**, (5): 25-38, 1975.
- 25 SINGER, R.N. **Psicologia dos esportes. Mitos e verdades.** São Paulo, Harper & Row do Brasil, 1982².
- 26 STEVENSON, C.L. Socialization Effects of Participation in Sport: A critical Review of the Research. **Research Quarterly**, (46): 287-301, 1975.
- 27 STRAUB, W.F. **Sport Psychology. An Analysis of Athlete Behavior.** Ithaca, N.Y. Movement Publications, 1980².
- 28 THOMAS, A. **Esporte: Introdução à psicologia.** Rio de Janeiro, Ao Livro Técnico, 1983.
- 29 VANEK, M. & HOSEK, V. **Zur Persönlichkeit des Sportlers.** Schorn-dorf, Hofmann, 1977.
- 30 WERNER, A.L. & GOTTHEIL, E. Personality Development and Participation in College Athletics. **Research Quarterly**, (37):126-131, 1966.
-

SOLICITAÇÃO DE ASSINATURA**KINESIS****INSTRUÇÕES:**

1. PREENCHA A MÁQUINA OU LETRA DE FORMA;
2. REMETA O VALOR ATRAVÉS DE VALE POSTAL (AGÊNCIA UNIVERSITÁRIA) EM NOME DE UM DOS COMPONENTES DA COMISSÃO EDITORIAL (P. 3);
3. ENVIE O CERTIFICADO DE SOLICITAÇÃO DE ASSINATURA:

PROFA(A)

CENTRO DE EDUCAÇÃO FÍSICA E DESPORTOS

UFSM - CAMPUS UNIVERSITÁRIO - CAMOBI

97.119 - SANTA MARIA/RS

FUTEBOL: JOGO DO TRIÂNGULO

* IRAN NEWTON AGUIAR

1. INTRODUÇÃO

O futebol é um esporte. E como tal apresenta-se como fator cultural de grande monta, bem como, fato social de grande amplitude e relevância. Além do mais, para que se tenha uma visão mais ou menos correta, não basta tão somente encará-lo na sua totalidade como conjunto, mas procurar vê-lo em sua fragmentação; vê-lo em partes, para compreendê-lo no conjunto.

Vê-se, pois, que esta espécie de caminho ou movimento de ida e volta, como que um intercâmbio permanente, supõe elaborações acessíveis para compreendê-lo e que ele como fato social não oferece a nível nenhum.

Esta dificuldade de compreensão está porque, conceitualmente, a noção de futebol é muito imprecisa e vaga. Não temos ainda uma perfeita conceituação da articulação do esporte com os demais estágios do todo social. Contudo, no momento atual, já encontramos algumas análises do futebol, lançadas para dentro da **Ideologia, das Práticas Rituais e da Simbologia**, no corpo maior da Sociologia e Antropologia Social e que numa imagem espectral, distingue o feixe nos três componentes citados e delimita-os como um triângulo equilátero.

Ele é um jogo e como tal **significa alguma coisa**. Podemos até dizer que ele é mais do que um jogo; ele é também mais que um reflexo psicológico. De tal sorte, que neste **introito**, sou levado a considerar o futebol através de uma análise onde os componentes ideológicos, simbólicos e rituais, se encontrem de tal forma associados,

* Professor Adjunto da Escola Superior de Educação Física - Universidade Federal do Rio Grande do Sul.